

# MIGRAÇÃO E TRABALHO: O PERFIL DO MIGRANTE RURAL NA BUSCA DE TRABALHO NA CIDADE DE MONTES CLAROS (MG)

Resultado de investigación finalizada

Nombre de ponencista: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Maria Narciso Rocha de Paula

GT 09 - Estrutura social, dinâmica populacional e da migração

## Resumo

Este trabalho apresenta reflexões sobre a migração rural na cidade de Montes Claros, sertão de Minas Gerais. Corroborar a hipótese das migrações estarem ocorrendo cada vez mais dentro das próprias regiões, em função do crescimento incentivado pelo Estado em algumas cidades e também a desilusão com as metrópoles, consequência do processo de organização do trabalho que produz uma combinação perversa cuja principal causa e consequência é o desrespeito aos trabalhadores migrantes. A análise do perfil sócio-econômico do migrante rural e a sua integração com o mercado de trabalho, as possibilidades, colocações e o mercado informal como via de sub-integração, revelam que as relações sócio espaciais continuam marginalizando os trabalhadores oriundos do meio rural, limitando sua inserção no mercado de trabalho. Esse fenômeno tem levado a profundas diferenças sociais e econômicas, que são percebidas no espaço social, através da segregação urbana. As entrevistas sobre a experiência de trabalho dos migrantes rurais revelam a formação da sociedade do terceiro milênio como uma história da (re) produção de indignas condições de vida.

**Palavras-chave:** migrações internas; políticas públicas; mercado de trabalho.

## 1. Introdução:

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*  
GUIMARÃES ROSA, 1986: 278.

Ao longo da história do Brasil, foi consolidando uma estrutura fundiária altamente concentradora. As capitâneas hereditárias, as sesmarias, o fim da escravidão e as leis de terra de 1850, incentivaram uma distribuição desigual da terra. Grandes extensões de terra foram entregues a poucos proprietários. “O cativo humano termina, começa o cativo da terra”, (FERNANDES:2002, 2).

Desde o século XVI, os camponeses resistem contra a expropriação produzida pelo capitalismo. Fernandes (2001), chama a atenção para entender que a migração funcionava como forma de sobrevivência e resistência aos enfrentamentos que geraram mortes e massacres. Quilombos dos Palmares, Canudos, cangaço são alguns exemplos históricos de resistência e organização dos trabalhadores do campo. Os trabalhadores colocam o pé na estrada migrando por florestas, caminhos e sendo responsáveis pelo desbravamento de muitas regiões.

O modo de produção capitalista desde o capitalismo mercantilista, já privilegiava determinado produto de exportação em detrimento de outros. Estes períodos chamados “ciclos econômicos” funcionavam como fator de atração para a migração. Os ciclos da cana de açúcar, do ouro, do café e da borracha são responsáveis por grandes correntes migratórias.

Os ciclos econômicos são substituídos pela modernização agrícola a partir da década de 1960 com a utilização intensa do processo de atividades agrícolas, baseadas no paradigma da Revolução Verde. A principal característica desse processo continuou sendo a concentração das terras. O desenvolvimento da agricultura passou a depender da dinâmica da indústria. Nesse processo as

modificações são irreversíveis na base técnica e no processo de trabalho através da passagem da subordinação indireta a subordinação direta do trabalho ao capital.

Graziano da Silva (1998), resume a passagem da agricultura brasileira, baseada no complexo rural para o agroindustrial a partir dos seguintes fatores: o desenvolvimento do mercado interno no capitalismo; em 1850 a suspensão efetiva do tráfico negreiro, a crise de 1929 e em 1950 a consolidação da constituição de um mercado interno; as participações do Estado, através das formulações de políticas específicas para os complexos agroindustriais com objetivo de regularização geral e fixação de preços.

A decomposição do complexo rural ocorreu para o autor através dos seguintes fatos: a redução do trabalho escravo e a introdução do trabalho livre nas fazendas de café, o complexo cafeeiro e a ampliação de atividades urbanas e em 1930/60 a -integração dos mercados nacionais. Com a queda das exportações de café, surgiu a necessidade de constantes desvalorizações cambiais e controle de mercados de divisas que favoreceu a industrialização. Em 1965 foi criado o SNCR - Sistema Nacional de Crédito Rural - o principal veículo do projeto modernizador para a agricultura; que levou a conglomeração empresarial ou *territorialização da burguesia*.

Nas décadas de 80 e 90 foram marcadas pela intensificação da urbanização brasileira. Embora com novas características, no final dos anos 80 e toda década de 90 as migrações intensificaram-se intra-regionalmente e continuaram a ocorrer as migrações sazonais. Abramovay (1999) enfatiza que a saída do meio rural não significa o acesso às condições mínimas próprias da vida urbana, ou seja: “desruralização nem sempre é sinônimo, neste sentido, de urbanização”, (ABRAMOVAY,1992:2).

As modificações tecnológicas na cidade e no campo expulsam o trabalhador do campo, mas também o recusa nas metrópoles, uma vez que fica mais difícil “encontrar” serviço nas cidades grandes para aquelas que têm pouca escolaridade e quase nenhuma qualificação profissional. A construção civil e as indústrias, principalmente as automobilísticas, não contratam mais. Ao contrário, demitem em massa.

A população migrante retorna pra sua região, o que não quer dizer retornar para os seus municípios de origem, mas sim para as cidades de porte médio que oferecem melhores condições de saúde, educação e trabalho. O processo de desruralização persiste na virada do milênio em todo Brasil, embora concentre na região Nordeste e Norte de Minas Gerais suas maiores taxas.

A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta tendência: se as taxas de evasão do meio rural observada entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na virada do milênio. (ABRAMOVAY,1999:1)



**FIGURA 1:** Migrantes rurais em direção à cidade de Montes Claros  
 Fonte: Revista Montes Claros em Foco, Novembro de 1979. (Rilson Santos).

Em 1959, foi criada a SUDENE - Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste -, englobando o nordeste do Brasil e o norte de Minas Gerais. “A SUDENE possuía dois objetivos principais: coordenar a ação do Governo Federal e administrar os recursos transferidos para a região”, (RODRIGUES, 2000:119).

Para industrializar a região foi criado um sistema de incentivos fiscais, consolidados pelo FINOR – Fundo de Investimentos do Nordeste. Por outro lado, visando solucionar os problemas agrícolas da região, foi adotada a estratégia formulada pelo GTDN - Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. Os pontos centrais desta política de desenvolvimento basearam-se em grandes projetos agropecuários, industrialização, reflorestamento e projetos de irrigação.

A industrialização proporcionou o processo de urbanização. Os migrantes buscam, além do sul do país, também os municípios com mais indústrias da RMNE - Região Mineira do nordeste, sempre em busca de emprego. Essa mobilidade espacial desorganiza os municípios do Norte de Minas que não dispõem de infra-estrutura para receber novos habitantes.

Conseqüentemente, houve a concentração em alguns municípios dos setores de melhor qualidade de serviços. As microrregiões que apresentaram maiores taxas de crescimento populacional foram Pirapora (73%) e Montes Claros (43%), onde localizavam os dois únicos distritos industriais da área mineira de atuação da SUDENE. Montes Claros passou a ser o centro de serviços de saúde, educação e concentração de órgãos públicos estaduais e federais, para a região norte-mineira e para o sul da Bahia.

Estas indagações e incertezas que acompanham a trajetória dos migrantes rurais para a cidade de Montes Claros, sertão mineiro, são objeto de investigação deste trabalho. Pretende-se discutir

a migração rural para Montes Claros, norte de Minas Gerais, a busca de emprego na cidade e o processo de inserção ou não no mercado de trabalho local, que leva a “esperança de melhoria de vida”.

## **2- O processo de desenvolvimento do município de montes claros**

:

A ocupação do Município de Montes Claros ocorreu a partir da expansão da pecuária extensiva, que desde os séculos XVI e XVII começou a subir o rio São Francisco. As populações originárias do Nordeste do país e do Sul do Estado, que procuravam possibilidades de fixarem propriedades e expandir a área de criação de gado, encontraram condições satisfatórias na região.

A cidade surgiu como um povoado e se desenvolveu em torno de uma capela de fazenda à margem direita do rio Vieira, entre os córregos Vargem Grande e Lages. Tropeiros, mineiros e toda sorte de aventureiros percorreram aqueles sertões em busca de riquezas sem fim. Logo, a Fazenda dos Montes Claros transformou-se no maior centro comercial de gado, no Norte de Minas Gerais.

Em 13 de outubro de 1831, foi criada a “Vila das Formigas” e em 03 de Julho de 1857, a vila foi elevada à categoria de cidade, recebendo o nome de Montes Claros. A economia baseava-se, à época, na criação de gado para atender à demanda dos distritos especializados na extração de ouro no Estado, estando os mineradores sujeitos a preços elevados de alimentos, o que explica, em parte, a constituição de grandes fortunas naquele período.

Diversos caminhos de tropas interligavam Montes Claros à região de mineração e dirigindo-se até o Nordeste do país. Rota vital para escoamento da produção, definindo a cidade, desde seus primórdios, como centro regional de comercialização e de serviços para os fazendeiros da área. A unidade econômica era a grande fazenda de criação, em condições de muita rusticidade. O principal fator de produção, a terra, era livre e apropriável.

A elevação de Montes Claros como centro regional, aconteceu de maneira gradual e em decorrência de alguns fatores ocorridos no século XIX: 1) O afastamento do eixo econômico do “rio para o sertão”; 2) A estrada para a Bahia, 3) As jazidas minerais descobertas em Itacambira, Leste de Montes Claros; 4) A mudança de eixo econômico para o Rio de Janeiro e Zona da Mata, sendo que as ligações eram feitas por Montes Claros. Nesse período, a base econômica do município era a pecuária extensiva, as atividades da cana de açúcar e o algodão, (OLIVEIRA, 2000).

No final do século XIX, a cidade era “o principal centro urbano e comercial” (OLIVEIRA, 2000:26). Sua primeira indústria foi instalada em 1882 e contava com 72 teares, 127 operários e produzia 30 mil metros de tecido por mês, a fábrica do Cedro. O telégrafo chegou logo depois da República, em 1892. No começo do século já havia luz elétrica, jornais e mesmo um cinema.

Mas o maior incremento para as atividades econômicas e comerciais acontece em 1926, com a chegada da ferrovia.”(...) para Montes Claros a chegada das paralelas de aço e sua interrupção aqui, por quase 20 anos, consolidou em definitivo sua posição de centro coletor regional e distribuidor de bens importados.(...)”. (FERREIRA apud OLIVEIRA, 2000: 27).

A importância da cidade como centro comercial e de serviços passa a ser reforçada também como centro industrial com a chegada da SUDENE. “É a cidade centro, polarizadora de atração dos recursos de Minas Gerais, não é Belo Horizonte, que fica fora da área de jurisdição da SUDENE, mas justamente Montes Claros”, (ANDRADE, 1982:402).

O fato de encontrar-se a mais de 420 Km da capital Belo Horizonte e não ter próximas outras cidades de porte médio favoreceu para que a cidade tornasse: (...) um ponto de convergência de pessoas e mercadorias que, de uma área muito extensa do Norte de Minas, demandam Belo Horizonte e, em menor escala, o Rio de Janeiro e São Paulo, “(ANDRADE, 1982:398)”.

A SUDENE incluiu na área do Polígono das Secas o norte de Minas Gerais em sua jurisdição e, na década de 60, abriu seu escritório em Montes Claros, estimulando a vinda de dezenas de empresas para o município.

É em Montes Claros que se concentram os melhores indicadores de qualidade de vida da região, embora ainda sendo uma área considerada subdesenvolvida (considerando o IDH). Uma cidade que cresce demasiadamente em função do deslocamento dos trabalhadores que, para seguirem a rota do sul do país, passam por Montes Claros, e muitos ficam na cidade.

### 3. A mudança de rota da migração: montes claros, de cidade sertão para centro regional urbano:

O município de Montes Claros está situado na Bacia do Alto São Francisco, classificado pelo IBGE como pertencente a macrorregião geográfica Nordeste e microrregião Montes Claros. A vegetação varia entre o cerrado e a caatinga; o clima é quente e seco. De acordo com resultados do Censo 2000, a população residente é de 306.258 habitantes, com 288.534(94,21%) pessoas residindo na área urbana e 17.724 pessoas (5,79%) na área rural. Com relação à migração, considerando pessoas residentes no município em setembro/1991, são 19.835 pessoas, (dados do Censo 2000).

A cidade expandiu consideravelmente o seu tecido urbano (TABELA 4) conseqüência do significativo aumento populacional, decorrente do crescimento econômico e da migração campo-cidade determinada pela seca e pelo desemprego existente na região e no Nordeste brasileiro.

**TABELA 1**

**Montes Claros, Minas Gerais e Brasil - Comparativos de variação populacional entre 1996 e 2000.**

População	1996	2000	%
Brasil	157.079.573	169.544.443	(+) 7.36
Minas Gerais	16.673.097	17.835.488	(+) 6.52
Montes Claros	271.608	306.258	(+) 11.46

**FONTE:** Adaptação do site disponível em <<http://www.montesclaros.mg.gov.br>>  
Acesso em 25/09/2002.

O processo de urbanização do município ampliou-se na última década, concomitantemente a um aumento da industrialização. Paralelamente, formou-se uma rede intra e inter-regional de transportes. Expandiu-se a malha vicinal possibilitando o aumento da polarização de Montes Claros e o fortalecimento dos vínculos da região e, conseqüentemente, da cidade com os mercados do Centro-Sul.

O fato de Montes Claros ser rota obrigatória de vários movimentos migratórios, registrados ao longo da história, favoreceu a construção de uma identidade própria e singular. O homem sertanejo gerou uma cultura rica e regional, levando em consideração a religiosidade e a solidariedade, que perpassaram todas as camadas sociais. As manifestações culturais sempre se guiaram pelos ciclos agropecuários e vão perdendo espaço com a industrialização. Os hábitos e ritos e crenças continuam a ocorrer, embora agora não mais com caráter integrador da comunidade, mas como manifestação de determinados segmentos da comunidade atual sem conseguir, contudo, integrá-la como um todo.

Estas redescobertas das diferenças culturais não se manifestam quanto à categoria trabalho. A inserção no mercado de trabalho urbano continua difícil. A baixa escolaridade, qualificação deficiente e profunda discriminação social impedem a entrada no mercado de trabalho.

Montes Claros é a cidade pólo da região Norte Mineira. Aqui, muitos trabalhadores rurais migrantes chegam em busca da modernidade, do desenvolvimento, da qualidade de vida. Como o personagem Riobaldo do livro Grande Sertão: Veredas, os trabalhadores não desanimam, persistem, encaram com coragem as dificuldades e incertezas da vida urbana.

#### 4. Considerações finais

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês  
 Que andava preso em liberdade pela cidade.  
 Mas o modo como olhava para as casas,  
 E o modo como reparava nas ruas,  
 E a maneira como dava pelas pessoas,  
 (...) E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando.  
 (...) Por isso ele tinha aquela grande tristeza.  
 Que ele nunca disse bem que tinha,  
 Mas andava pela cidade como quem não anda no campo  
 E triste como esmagar flores em livros  
 E por plantas em jarros...

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro<sup>1</sup>

A opção de migrar para Montes Claros, um centro de serviços da região Norte-Mineira, tem como principal motivo a possibilidade de ocupação com o mercado de trabalho formal ou informal. A mobilidade social é a grande esperança dos oriundos do campo na procura de um lugar de destino.

Os “antigos tempos”, como caracterizado nos depoimentos dos trabalhadores, são retratados como tempos de fartura, de “boa vida”, de muita terra e de “prato cheio”; o campo era o tempo anterior do passado. A cidade era local para “fazer a feira” e, de vez em quando, para “ir ao médico” ou ver “novidades”. Os espaços rurais e urbanos eram completamente separados, caracterizados e delimitados.

*“São tempos que não voltam. Hoje a gente vem, sabe onde termina a cidade. A roça acho que nem existe mais. Pelo menos, aquela com gado, comércio, professora. E minha família toda junta, criando galinha, porco, fazendo queijo, plantando roça. Quando a seca vinha, sempre tinha um patrão para empregar a gente como peão. Agora, tudo é máquina”.* Depoimento de um trabalhador rural, ao preencher o cadastro para emprego no Posto do SINE-Moc.

As atividades de produção no tempo antigo eram caracterizadas como atividades de subsistência e possibilidade de permanência no campo. As relações de trabalho relatadas não se baseavam apenas nas leis de mercado. As ações econômicas dos indivíduos baseavam-se também em trocas entre as famílias, parentes, vizinhos, imbricando valores de cooperação, solidariedade e reciprocidade.

Os dias de hoje, como muitos chamam o presente, são “outros tempos”. De acordo com os depoimentos dos trabalhadores já “não existe nenhuma” possibilidade de permanecer no meio rural. A década de 60 e posteriores até 90, demonstraram grandes investimentos públicos na mecanização do campo, nos projetos de grandes irrigações e reflorestamento, que expulsa as famílias de pequenos produtores, trabalhadores do campo.

Os enfrentamentos desta perversa realidade foram vivenciados pelos pequenos agricultores e trabalhadores rurais, através de uma primeira estratégia: a migração sazonal. Os canaviais e cafezais no interior de São Paulo e Triângulo Mineiro e as grandes construções nas metrópoles foram à forma encontrada pelo chefe da família de “buscar dinheiro”, e depois retornar. Tal estratégia pode ser definida como forma de resistência dos trabalhadores e vontade de permanecer no campo e de permanecer rural.

O movimento de retorno, iniciado na década de 90, de forma lenta, com a volta dos trabalhadores das grandes capitais, aumentou as migrações intra-regionais. A estratégia das migrações

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Poesia/Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

sazonais não conseguiu impedir a industrialização rural, conseqüentemente, a população rural continuou a se deslocar para as cidades. As migrações de retorno aumentaram, comprovadas pelo censo 2000, mas devem ser entendidas, pelo menos, em relação a este estudo, como um movimento populacional de retorno à região e não necessariamente aos municípios de origem.

Em suma, as migrações campo-cidade para Montes Claros, analisadas neste estudo, comprovam algumas características básicas:

- 1) A cidade é a que mais atrai população, ao mesmo tempo ainda é grande o número de pessoas que deixam o espaço urbano temporariamente em função de trabalhos em outras regiões;
- 2) O aumento significativo do número de mulheres migrantes responsáveis pela família revelam velhas formas de relações de trabalho, baseadas no pagamento através de moradia e comida, corroborando a hipótese da trajetória das famílias camponesas como segregadas no espaço, nas periferias e favelas e, também, com poucas chances de mobilidade social;
- 3) A crescente migração de retorno concentra-se nos trabalhadores rurais na faixa de idade adulta jovem, sendo menor nas faixas de idade mais avançada;
- 4) A maioria dos migrantes rurais são da própria região, que não vem apenas do meio rural, mas também do meio rural dos municípios vizinhos, além dos Estados geograficamente mais próximos, como o caso da Bahia;
- 5) A mecanização do campo, incentivada pelas políticas públicas, foi causa principal da migração do campo para a cidade de Montes Claros, município que recebeu incentivos do Estado para a sua industrialização e que promoveu rápida urbanização;
- 6) A falta de políticas propriamente voltadas para os trabalhadores oriundos do campo faz com que os migrantes continuem segregados no espaço urbano e na possibilidade da mobilidade social;
- 7) O Posto do Sine-Moc não diferencia os trabalhadores rurais dos urbanos, não havendo estatísticas em relação aos mesmos quanto ao Mercado de Trabalho: Portanto, implementa os mesmos cursos de qualificação para heterogênea população à procura de trabalho. Os migrantes rurais concorrem às mesmas vagas com total desvantagem em escolaridade e qualificação profissional.
- 8) As vagas mais conseguidas pelos migrantes rurais na faixa de idade adulta jovem, através do SINE - Montes Claros, são para mulheres, de empregadas domésticas, babás e, para os homens, frentistas de postos de gasolina, segurança do comércio local e sitiantes.

A desruralização continua marcando o território norte-mineiro, sendo necessário compreender que o discurso de “fixação do homem no campo”, necessita de reformulações. A grande porcentagem de jovens e mulheres migrantes caracteriza a necessidade de construir, no campo, alternativas de condições de vida básicas em relação à saúde, educação, lazer e, principalmente, integração econômica, através de atividades agrícolas e não agrícolas.

E necessário insistir que as atividades não-agrícolas não têm sido suficientes para absorver todo o excedente de mão-de-obra disponível no meio rural, o que se comprova pela quantidade crescente de pessoas desempregadas. As atividades rurais não-agrícolas não são preenchidas “automaticamente” pelos trabalhadores agrícolas que são desempregados pela crescente mecanização. Pelo contrário, grande parte das novas atividades agrícolas, assim como a maioria das atividades não-agrícolas, exigem níveis de qualificação e capacidade de empreendimento que estão muito distantes do perfil dos desempregados rurais que antes se ocupavam em atividades agropecuárias.

O meio rural está cada vez mais em contato com o meio urbano. Assim, necessário se faz que esta proximidade seja entendida pelo Estado, através de políticas públicas de interação que agreguem o tecido social existente.

A esperança de melhoria de vida, título deste trabalho, traduz em longa espera de homens e mulheres no espaço urbano, na busca da reconstrução de suas vidas, enquanto camponeses que foram,

agora como cidadãos urbanos. A esperança aqui foi utilizada através da formulação feita por José Souza Martins, onde esperança não é apenas a possibilidade de consumo ou de privilégios, mas a consciência social, crítica que construa condições sociais dignas através do esforço de todos e não apenas de alguns.

*“No esperemos nada Del siglo XXI pues es el o siglo XXI el que espera todo de nosotros” - Gabriel Garcia Marquez.*

## 5. Referencias bibliográficas:

- ABROMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1992.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Estado, Capital e Industrialização do Nordeste**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FERNANDES, Mançano Bernardo. **Brasil: 500 anos de Luta pela Terra**. Disponível em <<http://w.w.w.culturavozes.com.br/revistas>>. Acesso em 4 de maio de 2001.
- GRAZIANO SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MARTINS, José Souza.(org). **A Sociedade Vista do Abismo**: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Montes Claros em Foco**. Montes Claros. Editora Ataliba Machado Ltda. 1979.
- OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de; RODRIGUES, Luciene (org.). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2000.
- PESSOA, Fernando. **Poesia/Alberto Caeiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- REIS, Geraldo Antônio dos. Algumas Considerações sobre o processo de desenvolvimento recente da Região Mineira do Nordeste. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas**: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.p. 37-74.
- RODRIGUES, Luciene. Formação Econômica do Norte de Minas e o Período Recente. **Formação Social e Econômica do Norte de Minas Gerais**. OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de (org). Montes Claros: Unimontes, 2000.p 105-170.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
-